

CONSIDERAÇÕES SOBRE O TOMISMO ANALÍTICO¹.

Marco Aurélio Oliveira da Silva² – *Universidade Estadual de Maringá.*

Resumo: Neste artigo eu pretendo abordar a influência positiva do movimento chamado Tomismo Analítico. Contudo, não vou tratar de todos os ramos deste movimento, mas apenas considerar a possível compatibilidade entre, de um lado, a crítica clássica de Frege ao psicologismo e, de outro lado, a produção de conceitos pela abstração mental no caso de Tomás. Como eu pretendo argumentar, para Frege existe uma identidade entre ideia e imagem mental, a qual é necessariamente subjetiva, no caso de Tomás, em contrapartida, o conceito é produzido a partir de uma imagem (fantasma), mas não é a própria imagem. Outra questão a ser tratada é a crítica comumente feita ao tomismo analítico por não ser ortodoxo. Como também pretendo argumentar, isto não deve ser visto como algo negativo, mas como uma oportunidade de confrontar alguns aspectos do pensamento de Tomás com importantes questões contemporâneas.

Palavras-chave: Tomismo, Filosofia Analítica, Filosofia da Linguagem.

Abstract: In this paper I intend to discuss the positive influence of the so-called Analytical Thomism. However, I will not discuss all the branches of this movement, but consider the possible compatibility between the classical fregean criticism of psychologism and thomist-style concept production by way of abstraction of the mind. As I will argue for, while for Frege on the one hand there is an identity between idea and mental image, which is necessarily subjective, for Thomas on the other hand the concept is produced out of an image (phantasm), but is not the image itself. Another point of discussion will be a consideration of the critique made to the analytical thomism for not being orthodox thomism. As I also intend to argue, it shall not be seen as something negative, but as an opportunity for confronting some aspects of Thomas' thought with important contemporary issues.

Keywords: Thomism, Analytical Philosophy, Philosophy of Language.

I. INTRODUÇÃO.

O tomismo analítico não consiste em um movimento propriamente dito, mas em punhado de autores que, embora inspirados em filósofos da tradição

¹ Agradeço ao prof. Ivanaldo Santos por seu comentário a uma versão preliminar deste artigo.

² Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor adjunto A do departamento de filosofia da UEM.

analítica como Frege e Wittgenstein, dedicaram-se à análise de algum aspecto do pensamento de Tomás de Aquino.

Pode-se identificar como seus principais precursores filósofos como Elizabeth Anscombe, Peter Geach e Anthony Kenny. Uma característica comum a estes autores é a preocupação com temas contemporâneos, como filosofia da linguagem e filosofia da mente, e uma tentativa de reler as teses de Tomás à luz destes problemas.

Contudo, o tomismo analítico parece um movimento distinto das demais variantes do movimento neotomista do século XX. O tomismo existencial, por exemplo, no qual podemos observar o trabalho de um Etienne Gilson, dá uma especial atenção à teoria tomista do *esse*. O tomismo transcendental, com Joseph Maréchal, propõe a discussão de duas tradições filosóficas, a tomista e a kantiana. Vimos surgir também algumas críticas pontuais à leitura tradicional de Tomás feita por Cajetano, principalmente no trabalho de Louis-Bertrand Geiger, o qual propõe uma nova interpretação para o papel da abstração e da separação nas ciências especulativas.

Como é sabido, o movimento neotomista iniciado com a encíclica *Aeternis Patris* do papa Leão XIII não é algo uniforme e apresenta várias contribuições à interpretação do sistema filosófico de Tomás de Aquino. Contudo, o movimento que se convencionou denominar de tomismo analítico é *sui generis*, pois não tem a preocupação de propor uma interpretação global do tomismo, mas se contenta em tomar deste algumas teses consideradas relevantes e demonstrar a contribuição que possa dar à discussão contemporânea, notadamente nos meios intelectuais de tradição anglófona.

Por exemplo, a famosa doutrina da analogia do ser passa ao largo das discussões dos tomistas analíticos, influenciados decerto pelo papel que o verbo “ser” pode exercer na predicação, seja a de um juízo atributivo, de identidade ou existencial. Deste modo, tomando “ser” como um mero elemento de um juízo ou enunciado, rejeitam *a priori* a discussão da teologia tomista, na qual Deus é definido como *Ipsum Esse*, ou seja, o próprio ato de ser. Tomás de Aquino pensa aqui “Ser” como um elemento em ato na realidade, não o reduzindo a um elemento do enunciado, no qual conecta sujeito e predicado, nos enunciados atributivos, ou no qual afirma que um conceito tem uma instância no mundo, nos enunciados existenciais.

No entanto, embora não tenha a preocupação de reinterpretar globalmente o pensamento de Tomás de Aquino, o tomismo analítico tem

proposto questões interessantes que devem suscitar a inquietação de qualquer estudioso comprometido em bem entender o pensamento do Doutor Angélico.

Na interpretação analítica do tomismo temos visto as mais variadas discussões, desde a relação entre corpo e mente até as implicações da teoria tomista do significado. O presente artigo atém-se a um ponto específico, ao invés de se embrenhar nas várias discussões e temas propostos por esta tradição filosófica. Portanto, é justamente no ponto da filosofia da linguagem que gostaria de me ater. Ou seja, uma vez que o tomismo analítico consiste na confluência de duas tradições, o tomismo propriamente dito e a filosofia analítica da linguagem, pretendo avaliar até que ponto a teoria de Tomás de Aquino escapa das críticas de Frege ao psicologismo, críticas estas que, pode-se afirmar, consistem hoje em lugar-comum na filosofia analítica.

II. FILOSOFIA DA LINGUAGEM EM TOMÁS DE AQUINO.

Em seu comentário ao *De Interpretatione*³, Tomás expõe a sua interpretação do triângulo semântico proposto por Aristóteles. Neste sentido, haveria uma relação entre nomes, conceitos e coisas, na qual o nome significa a coisa referida através de um conceito, cuja existência é mental.

Digna de nota é a exposição de Tomás dos elementos constitutivos da enunciação, a saber: o nome e o verbo. Estes elementos são caracterizados como princípios materiais da enunciação, uma vez que o nome e o verbo são os elementos dos quais nos servimos a fim de caracterizar um discurso como capaz de ser verdadeiro ou falso. Portanto, assim como se combina ou separa no intelecto – a fim de formarmos um juízo, do mesmo modo se combina ou separa na enunciação –cuja existência é linguística. Ora, para combinar ou separar faz-se necessário pelo menos dois elementos, uma vez que cada elemento em separado expressa a operação intelectual que apreende os indivisíveis, ou seja, os conceitos formados na chamada primeira operação do espírito.

A caracterização do nome como significativo por convenção deve ser compreendida à luz do triângulo semântico, o qual trata da relação existente entre sons vocais, paixões da alma (conceitos, na leitura de Tomás) e coisas atuais. Deste modo, grafias escritas significam convencionalmente palavras faladas; palavras faladas significam convencionalmente as paixões da alma; por fim, as paixões da alma significam naturalmente as coisas.

³ Cf. TOMÁS DE AQUINO, *In Peribermeneias* lib.1 l.2 n. 1 ff. Cf. tb. TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, I^a q.13 a.1 co.

Ora, algo significa naturalmente quando é efeito daquilo que significa. Deste modo, assim como o choro do bebê significa fome porque o choro é efeito da fome, do mesmo modo as paixões da alma⁴ significam as coisas atuais, uma vez que os conceitos⁵ são produzidos através de um ato intelectual sobre os entes empíricos.

Outra característica dos elementos do enunciado é a sua função lógica. Todo sujeito de predicção é necessariamente um nome. Em contrapartida, o verbo, que expressa a ação ou paixão de um sujeito, é sempre um predicado de algo. Trata-se aqui da estrutura bipartida do enunciado, onde a combinação (ou divisão) no intelecto é expressa pela junção de um nome e de um verbo.

Neste triângulo semântico entre nome, conceito e coisa podemos perceber dois tipos de relação, de um lado, a relação entre o nome e o conceito e, por outro lado, a relação entre o conceito e a coisa designada.

No segundo caso, temos uma relação que Tomás explica através do processo de abstração, onde o intelecto produz um conceito a partir de uma imagem. Esta é uma relação natural, não há, por exemplo, como a partir da imagem de um cachorro formarmos por abstração o conceito gato.

No primeiro caso, temos uma relação meramente convencional, pois não há uma relação necessária entre o conceito pensado e o termo usado para expressá-lo. Deste modo, nada nos impede de decidir denominar os gatos através do termo “cachorro” ou os cachorros através do termo “girafa”.

Frege, por outro lado, em seu já clássico artigo “Sentido e Referência”⁶, distingue a noção clássica de ideia –que parece semelhante ao que Tomás pensa sobre os conceitos – da noção de sentido, considerando que os termos tem a referência determinada pelo sentido.

Neste artigo de 1892, Frege se propõe a explicar a diferença de valor cognitivo entre enunciados triviais como ‘a=a’ e enunciados verdadeiros como ‘a=b’. Ou seja, o que seria expresso através de enunciados de identidade, seria

4 No *De Interpretatione* de Aristóteles, bem como no respectivo comentário de Tomás de Aquino, “paixões da alma” significam invariavelmente os resultados das operações do espírito; particularmente, a primeira operação, no que tange ao nome e ao verbo, e a segunda operação, no que tange à enunciação.

5 Os conceitos, expressos pelos nomes, são produzidos através da primeira operação do espírito.

⁶ FREGE, G. Über Sinn und Bedeutung. IN: *Zeitschrift für Philosophie und philosophische Kritik*, C, 1892, p.25-50. As referências neste artigo serão feitas à versão em língua inglesa. FREGE, G. On Sense and Reference. IN: GEACH, P. & BLACK, M. (ed.) *Translations from the philosophical writings of Gottlob Frege*. Oxford: Basil Blackwell, 1960, p.56-78.

uma relação entre objetos, ou então uma relação entre expressões? Ambas alternativas são rejeitadas por Frege. A solução apresentada passa pela introdução da noção de sentido, que é o modo como um nome se refere a um objeto qualquer. Deste modo, no exemplo ‘a=b’, embora a referência feita pelos nomes ‘a’ e ‘b’ seja ao mesmo objeto, o enunciado não é trivial uma vez que se afirma que dois nomes, com sentidos diversos, tem o mesmo objeto por referência.

Isto posto, assim como o triângulo de Tomás entre nome, conceito e coisa, podemos perceber em Frege⁷ um triângulo entre nome, sentido e referência. Há, contudo, a crítica fregeana⁸ ao psicologismo, que parece permear a tradição analítica que lhe sucedeu, ele estabelece uma distinção entre as ideias e os sentidos. Enquanto estes seriam independentes da mente, existindo em um reino platônico, as ideias teriam existência meramente psicológica, uma vez que seriam imagens mentais, cuja existência seria meramente subjetiva. Isto parece uma oposição ao pensamento de Tomás, que ao ler o triângulo semântico presente no *De Interpretatione* de Aristóteles, interpreta os conceitos como as afecções da alma, que tem tanto para o estagirita quanto para o aquinatense existência mental (melhor dito: no intelecto). Neste sentido, que espaço poderia haver no pensamento analítico ao pensamento do Doutor Angélico?

Ora, o conceito em Tomás de Aquino, diferentemente do sentido fregeano, é resultado de um ato psicológico, a saber, o ato de abstração –pelo qual o intelecto obtém um universal a partir de uma imagem sensível. Ou seja, o conceito – a espécie inteligível existente no intelecto – não é numericamente idêntico à espécie sensível existente na imagem mental (o fantasma). A espécie inteligível com sua respectiva intenção de universalidade é produzida pelo

⁷ Esta semelhança fora percebida por Kenny em seu *Aquinas on being*: “In his essay ‘Sense and Reference’ Frege says that a statement of identity can be informative only if the difference between the signs corresponds to a difference in the mode of presentation of what is designated. Compare Aquinas’ statement: ‘the concept expressed by a name is the intellect’s notion of the reality referred to by the name’. In each author we have a three-tier system:

Nomen	Name
Ratio	Sinn
Res	Bedeutung”.

KENNY, A. *Aquinas on Being*. Oxford: Oxford University Press, 2002, p.196-7.

⁸ Frege distingue o sentido, que teria uma existência independente da mente, da ideia, que seria uma imagem mental. “The reference and sense of a sign are to be distinguished from the associated idea. If the reference of a sign is an object perceivable by the senses, my idea of it is an internal image, arising from memories of sense impressions which I have had and acts, both internal and external, which I have performed.” FREGE, G. *op. cit.*, 1960, p.59.

intelecto, embora a partir do fantasma⁹. Portanto há em Tomás uma clara distinção entre o conceito e a imagem mental, embora ambos tenham existência intelectual.

Aqui talvez haja espaço para uma resposta a Frege a partir de uma perspectiva tomista analítica. O principal da crítica ao psicologismo consiste no caráter privado das ideias, ou seja, as ideias seriam apenas imagens impressas na mente, o que seria privado (individual, no vocabulário de Tomás) e, portanto, não poderia ser comunicado –ou seja, não seria um universal. Contudo, dado que Tomás distingue o fantasma do conceito, podemos perceber que embora para Frege haja uma identidade entre ideia e imagem mental, para Tomás, em contrapartida, a imagem ou fantasma é apenas o resultado interno na mente (no sentido comum, em Tomás) do que é percebido através dos sentidos externos (visão, audição etc.). Portanto, enquanto para Frege, há uma relação de identidade entre ideia e imagem, para Tomás, há uma relação causal, na qual o intelecto produz um conceito a partir do fantasma ou imagem. Daí que para Tomás o conceito pode ser comunicado. Pois, desprovido do caráter imagético – seria algo imaterial e, por isso, desprovido dos elementos individuantes da imagem sensível – seria, então, passível de predicação (i.e, passível de comunicação).

No caso de entes materiais, a imaginação produz uma imagem (fantasma), a qual é um agregado de sensações obtidas pelos cinco sentidos. Em seguida, o intelecto produz uma abstração, deixando de lado todos os elementos individuantes, sem os excluir, com o fim de obter uma essência específica. Ou seja, as carnes e ossos de um determinado homem que estão determinadas na minha imagem mental de Pedro, por exemplo, estão deixadas de lado no meu conceito de homem. Pois, embora não pertença à definição de homem possuir as carnes e ossos de Pedro, segue-se da essência humana o possuir carnes e ossos quaisquer que sejam. Deste modo, uma vez tendo sido afetado pelas sensações de um ente material como Pedro, a imaginação fornece à mente uma imagem que corresponde ao agregado das sensações percebidas sensorialmente, sua cor branca, sua estatura mediana, em suma, a configuração espacial de sua matéria. Em seguida, o intelecto procede a uma abstração do todo, deixando de lado os aspectos individuantes de Pedro, a saber, que possui determinadas carnes – o Pedro de meu exemplo é gordo, deste modo fica indeterminado a quantidade de carne que o conceito homem deva possuir – e que possui determinados ossos –

⁹ Cf. TOMÁS DE AQUINO, *S. Th.* I, q. 85, a.2 ad 2.

Pedro tem estatura mediana. Em seguida, a espécie inteligível produzida pelo intelecto considera a matéria consoante apenas seu aspecto de generalidade, retendo, assim, no intelecto uma essência específica, no caso a essência de homem. Por conseguinte, em Tomás de Aquino, o conceito não é uma imagem mental, mas é produzido a partir de uma imagem mental pelo processo de abstração. As características individuantes desta imagem (a matéria individual como esta carne, estes ossos, etc.) são deixadas de lado, mas não são excluídas. Pois no conceito homem está contido que possua carne e osso, mas não que possua esta carne e estes ossos de minha imagem mental (fantasma). Isto permitirá a predicação “Pedro é homem”, pois embora no predicado homem esteja contido determinadamente carne e osso, mas não as carnes e ossos de Pedro, em contrapartida, as carnes e ossos de Pedro não estão excluídos do conceito homem, apenas não estão determinadamente incluídos.

III. TOMISMO ANALÍTICO: CRÍTICAS E RESPOSTAS.

Crítico do movimento exposto neste artigo, S. Theron¹⁰ considera que os chamados tomistas analíticos, como Geach e Kenny, ignoram um aspecto importante da doutrina tomista, que é a noção de essência, *quod quid est*, como se Tomás estivesse a defender que a mente tem acesso à essência real dos objetos. Isto se somaria, segundo o autor, à falta de uma consideração adequada da doutrina do *esse*.

Estas considerações de Theron podem ser desdobradas em duas, sobre a essência e sobre o *esse*. No primeiro caso, uma interpretação da epistemologia tomista não precisa se comprometer com a obtenção de essências reais pelo ato de abstração, isto tornaria a epistemologia tomista excessivamente naïve. Um bom exemplo pode ser tirado da doutrina teológica de Tomás. É por um ato de fé, e não de abstração, que o crente católico toma a hóstia consagrada como o corpo de Cristo. Ou seja, fenomenologicamente não há distinção entre a hóstia antes da fórmula pronunciada pelo sacerdote e o corpo de Cristo que é objeto de adoração no catolicismo. Contudo, há, segundo a fé católica, quiddidades distintas nos dois casos. Deste modo, considerar que segundo o tomismo a mente tem

¹⁰ “But they [Kenny and Geach] concur in their failure to understand Aquinas on the *quod quid est*, ridiculing the doctrine which they imagine for themselves (*viz.* that the mind naturally grasps the real essence of anything it considers), while they both fail accurately to appreciate the central doctrine of *esse*.” THERON, S. The resistance of Thomism to analytical and other patronage. IN: *The Monist*, LXXX, 1997, p. 615.

acesso direto às essências reais é não só ingênuo como contrário à coerência com o próprio pensamento de Tomás de Aquino. Portanto, uma defesa desta interpretação está longe do tomismo.

Em segundo lugar, a doutrina do *esse* realmente oferece dificuldades a uma interpretação analítica. Kenny considera em seu *Aquinas on Being* que o *esse* pode ter em todos os textos de Tomás doze sentidos diversos¹¹. De fato, esta doutrina tem pressupostos metafísicos que devem ser levados em consideração, como a doutrina da analogia. No entanto, não é claro que a rejeição, ou simplesmente a suspensão da consideração da doutrina do *esse*, possa ser de algum prejuízo para o tomismo analítico, uma vez que os defensores deste ponto de vista se limitam a apenas algumas teses de Tomás, não abraçando o conjunto inteiro de sua doutrina.

Theron critica novamente o tomismo analítico, sugerindo que este movimento desvirtua o pensamento tomista, ao não pressupor a abstração de conceitos, mas que estes seriam feitos pela mente, o que –contra Geach –não daria um mundo conceitual ou linguístico (sic) separado como em Frege e Wittgenstein. Theron insiste que Geach está mais próximo de Scotus do que de Tomás, considerando que é uma leitura conceitualista, e não realista, como deveria ser, segundo o autor, uma leitura adequada do tomismo¹². Esta consideração é muito estranha. Em primeiro lugar a abstração de conceitos é um processo realizado pela mente, portanto não existe a oposição entre “abstração de conceitos” e “a mente fazer conceitos”¹³. Talvez haja alguma divergência quanto ao modo como a mente faz (produz) os conceitos; ou seja, se estes seriam meros *ficta* ou teriam algum fundamento *in re*. A minha tese é que o realismo não se aplica *strictu sensu* a Tomás, para o qual apenas a natureza considerada de modo absoluto tem fundamento *in re*, a intenção de universalidade propriamente dita – ou seja, o que permite a predicação – é uma produção do intelecto¹⁴.

¹¹ Cf. KENNY, op. cit., 2002.

¹² O ponto central da crítica de Theron é caracterizar o tomismo como um realismo moderado, distinguindo-o de um mero conceitualismo. Neste sentido, ele considera que os tomistas analíticos desvirtuam o pensamento de Tomás a fim de conciliá-lo com a metodologia analítica. “Again, in this stressing that Aquinas did not teach the abstraction of concepts but rather that the mind makes concepts (thus giving us a separate conceptual or linguistic world as in Wittgenstein and Frege, one which will not clash with “the linguistic idiom of our time.”) Geach presents us more with a Scotist conceptualism than with a Thomist realism.” THERON, S. op. cit., 1997, p. 615.

¹³ Cf. nota anterior.

¹⁴ Este assunto foi abordado em minha tese de doutorado. Cf. SILVA, Marco A. O. *A questão dos universais. A perspectiva de Tomás de Aquino*. Orientador: Raul Ferreira Landim Filho. Rio de

Sobre a doutrina tomista do *esse*, em contrapartida, podemos observar as considerações de Kenny. Segundo este, que propõe uma relação entre a doutrina de Tomás e o terceiro reino dos sentidos fregeanos, Tomás explicaria uma proposição de identidade qualquer ‘A =B’, considerando que ‘A’ e ‘B’ são idênticos na realidade, mas distintos no conceito¹⁵. Para Frege, ‘A’ e ‘B’ teriam a mesma referência, mas sentidos distintos. Kenny considera que a maior dificuldade da teoria do *esse* apresentada por Tomás de Aquino é sabermos distinguir *esse* como existência dos demais significados de *esse*. O autor considera que esta distinção foi melhor assinalada por Frege, que distinguia entre conceitos de primeira ordem, os predicados, e conceitos de segunda ordem, os quantificadores.

Realmente a doutrina tomista do *esse* tem suas peculiaridades, as quais não cabem neste artigo. Contudo, não seria o caso de uma tentativa de impugnar a proposta tomista analítica simplesmente por conta de peculiaridades da doutrina tomista, como a analogia do ser, que, obviamente, não está presente na tradição analítica. O fato de Tomás estabelecer uma distinção entre o sentido copulativo e o sentido existencial do ser, embora haja ao longo dos seus textos outros sentidos envolvidos para o verbo *esse*, já é suficiente para estabelecer um

Janeiro: PPGF/IFCS/UFRJ, 2008. Tese. Na minha tese de doutoramento fora analisada a importância da teoria da abstração de Tomás de Aquino para a solução do problema dos universais. Em sua abstração do todo (*abstractio totius*), Tomás considera que nós obtemos o universal a partir do particular, deste modo o universal terá uma existência mental quanto à universalidade, embora este universal tenha fundamento *in re* apenas quanto à natureza. A universalidade propriamente dita é o resultado do caráter não precisivo da abstração, onde os elementos individuantes dos entes sensíveis não estão incluídos determinadamente, mas também não estão excluídos. Uma vez exposta a doutrina da abstração, fora feita uma análise do universal propriamente dito, o qual possui por conteúdo uma essência considerada de modo absoluto –ou seja, o conteúdo definicional (*ratio*) de uma determinada essência –além disso, os universais também possuem a intenção de universalidade, derivada da existência abstrata do universal no intelecto. A intenção de universalidade é o que permite que um universal seja predicado de um indivíduo ou de outro universal. Deste modo, os universais em Tomás de Aquino têm fundamento *in re* apenas quanto à natureza, não quanto à universalidade propriamente dita, pois a intenção de universalidade é produzida pelo intelecto e aplicada a uma determinada essência absolutamente considerada, abstraída, por sua vez, dos entes sensíveis.

¹⁵ “The notion of identity provides a convenient starting point. An identity proposition of the form $A = B$ is dealt with by Aquinas by saying that A and B are identical in reality but different in concept (*sunt idem re, different ratione*). Frege deals with the same type of proposition by saying that ‘ A ’ and ‘ B ’ have the same reference (*Bedeutung*) but a different sense (*Sinn*).” KENNY, *op. cit.*, 2002, p. 195-6.

diálogo entre a tradição tomista e a tradição analítica. Ou seja, o tomismo analítico não se propõe a ser uma reinterpretação global dos escritos e doutrinas defendidos por Tomás, mas apenas a recepção na tradição analítica de aspectos da filosofia tomista que se prestem a isto. Tomar isto *a priori* seja como indigno do tomismo, seja como inapropriado à filosofia analítica, seria transformar uma discussão filosófica em uma questão de opinião, o que não contaria decerto com a aprovação do próprio Tomás, preocupado que era em encontrar a verdade nas mais diversas fontes filosóficas.

Um outro ponto importante na crítica ao tomismo analítico consiste na distinção de abordagem acerca da natureza dos números por Tomás e pela tradição analítica. Principalmente porque esta, começando por Frege, de um modo geral tira suas conclusões acerca da natureza dos números a partir do alto desenvolvimento que a aritmética –precária à época de Tomás –só logrou encontrar no período do século XIX. Exemplo disto é ainda Stephen Theron¹⁶, que aprofunda sua crítica à aproximação com Frege ao lembrar que para Tomás de Aquino os números são obtidos a partir de abstração da categoria da quantidade, o que é denominado abstração da forma.

Toda esta discussão do tomismo analítico evoca um ponto importante da doutrina matemática tomista. Como é sabido, para Tomás os objetos matemáticos são obtidos por um tipo peculiar de abstração, a *abstractio formae*, que retém a forma accidental da quantidade, deixando de lado a matéria sensível comum –que são aspectos percebidos diretamente pelos sentidos, como cor, temperatura, etc. Ora, como a quantidade pode ser tanto contínua quanto discreta, uma consequência imediata desta tese é a suposição de que Tomás defenderia que os números, assim como as figuras geométricas, seriam obtidos por uma *abstractio formae*. Contudo, há dois pontos que chamam a atenção: em primeiro lugar, à época de Tomás a aritmética tinha um desenvolvimento ainda muito rudimentar e, em segundo lugar, os seus exemplos para a abstração matemática são de um modo geral exemplos geométricos.

Contudo, se uma aproximação entre Frege e Tomás se limitasse à ausência de exemplos aritméticos na *abstractio formae*, poder-se-ia dizer que não poderíamos vislumbrar nestas especulações analíticas nada além de uma transformação do pensamento de Tomás em outra coisa.

¹⁶ “This process in fact differs little from the case of number, where an abstraction performed upon the original (now generalized) abstraction of quantity from sensible particulars is just what gives us the ability of ‘going on to the next number,’ although Geach in *Mental Acts* offers just this as in itself an alternative explanation to that of abstraction.” THERON, S. *op. cit.*, 1997, p. 615.

Há, no entanto, um texto da juventude de Tomás, que dá uma certa razão às considerações de Geach e Kenny, a saber:

“Unde si quaeratur utrum ista natura sic considerata possit dici una vel plures, neutrum concedendum est, quia utrumque est extra intellectum humanitatis et utrumque potest sibi accidere. Si enim pluralitas esset de intellectu eius, nunquam posset esse una, cum tamen una sit secundum quod est in Socrate. Similiter si unitas esset de ratione eius, tunc esset una et eadem Socratis et Platonis nec posset in pluribus plurificari. (...) Haec autem natura duplex habet esse, unum in singularibus et aliud in anima, et secundum utrumque consequuntur dictam naturam accidentia”¹⁷.

Ou seja, unidade e pluralidade, segundo este texto do *De ente et essentia*, não são propriedades dos objetos –o que contraria a suposição de que fossem obtidas por abstração, uma vez que este ato apreende pelo intelecto propriedades dos entes sensíveis. Ora, o que Tomás afirma é que unidade ou pluralidade segue-se do modo de existência da essência, i.e., se é uma existência intencional ou real. Deste modo, uno e múltiplo não são obtidos por abstração, uma vez que estão relacionados ao modo de existência; e a existência não é apreendida por abstração porque esta apreende aspectos essenciais (e acidentais também) independentemente do modo de existir da essência considerada.

Embora Tomás use como exemplo o conceito de humanidade, poder-se-ia considerar mesmo os conceitos referentes a entes imateriais, que, em não sendo sensíveis, não estão no contínuo. Deste modo, não parece contrariar o tomismo uma interpretação que restrinja a abstração da forma na ciência matemática apenas aos objetos geométricos, deixando espaço para a analogia entre existência e número proposta por Frege¹⁸.

Há um outro texto de Tomás, citado por Kenny, cujo teor é bastante intrigante, uma vez que parece relacionar o número obtido por *abstractio formae* ao contínuo, próprio apenas de entes materiais, distinguindo-o do número que seria resultante de uma divisão formal, e não uma divisão no contínuo espacial, o que transcenderia a todas as categorias.

“Ad evidentiam igitur huius, considerandum est quod omnis pluralitas consequitur aliquam divisionem. Est autem duplex divisio. Una materialis,

¹⁷ TOMÁS DE AQUINO. *De ente et essentia*, cap.III.

¹⁸ Cf. FREGE, *Foundations of Arithmetic*, §54 “*In this respect existence is analogous to number.*” apud KENNY, *op. cit.*, 2002, p.200.

quae fit secundum divisionem continui, et hanc consequitur numerus qui est species quantitatis. Unde talis numerus non est nisi in rebus materialibus habentibus quantitatem. Alia est divisio formalis, quae fit per oppositas vel diversas formas, et hanc divisionem sequitur multitudo quae non est in aliquo genere, sed est de transcendentibus.”¹⁹

Neste sentido, a teoria de Tomás sobre os números é passível de uma interpretação favorável aos tomistas analíticos, considerando a possibilidade de números que não seriam abstraídos do conhecimento do mundo sensível e sujeito à quantidade –a saber, seriam números produzidos logicamente, através do que o supracitado texto da *Summa Theologiae* denomina de “divisão formal”. O sentido do texto de Tomás é considerar que os números não se aplicam apenas aos entes materiais, mas também às substâncias imateriais, como Deus e alma, que não estão sujeitos à quantidade e, portanto, não poderíamos dizer que a natureza de Deus é una se admitíssemos apenas os números obtidos por abstração da forma accidental da quantidade.

Embora o sentido do texto seja apenas garantir a predicação da unidade com relação às substâncias simples, as conseqüências que podem ser tiradas desta tese podem ter certas implicações nas discussões contemporâneas, particularmente na analogia entre número e existência proposta por Frege²⁰, para quem o número é uma propriedade de conceitos e não de objetos. Esta tese de Frege não poderia ser admitida na teoria de Tomás se a interpretarmos como restringindo todo e qualquer número à abstração da forma.

Daí, Kenny considera duas semelhanças entre as teorias de Tomás e Frege²¹, a saber, o número como uma propriedade accidental da natureza, e a existência como algo externo à natureza. Kenny também assinala duas distinções entre ambos. A consideração de existência como um quantificador em Frege, enquanto para Tomás o uso de sentenças do tipo “X existe” expressa uma

¹⁹ TOMÁS DE AQUINO, *S. Th.* I, q. 30, a. 3, co. *apud* KENNY, *op. cit.*, 2002, p. 199. A referência feita por Kenny atribui esta passagem erroneamente à questão 66.

²⁰ Cf. *Supra*, nota 18.

²¹ “Two texts of Aquinas that we saw earlier in *On Being and Essence* relate number to existence in a manner similar to Frege’s thesis. The first text tells us that number is a property (an accidental, not an essential property) of a nature: (...) The second text, a familiar one, tells us that, just like number, existence is something external to nature: Every essence or quiddity can be conceived without anything being understood with respect to its existence; for I can understand what a human being is, or what a phoenix is, and yet be ignorant whether they have existence in the nature of things.” KENNY, *op. cit.*, 2002, p. 200-201.

sentença na forma sujeito-predicado; outra distinção é pensar a existência como um predicado de segunda ordem em Frege²².

Portanto a crítica de Theron parece sem fundamento, uma vez que entendamos a proposta de Kenny. Não se trata de ler sistematicamente o pensamento de Tomás –o que é louvável em se tratando de um grande filósofo – mas de procurar semelhanças entre este e a corrente filosófica ora em voga.

Contudo, condenar os tomistas analíticos por não se preocuparem em ser tomistas no sentido tradicional que o termo tem pode ser inadequado para uma defesa do pensamento do próprio Tomás, uma vez que uma análise das proposições destes filósofos pode ser interessante para repensar o tomismo à luz de novos problemas que nos são propostos na contemporaneidade. Ora, há vários problemas que surgiram ao longo dos séculos que sucederam a Tomás, contudo a melhor resposta não é ignorá-los, mas respondê-los à luz dos princípios ensinados pelo próprio Doutor Angélico.

IV. CONCLUSÃO.

Criticar o tomismo analítico por não ser o que não pretende ser –uma interpretação global e ortodoxa da doutrina de Tomás –nos leva a ignorar algo positivo trazido por este movimento, a saber, avaliar a atualidade e a força que o pensamento de Tomás pode exercer nas discussões hodiernas. Não que seja mérito de uma filosofia o encaixar-se em determinada moda filosófica, pois a verdade, em sendo verdade, transcende o tempo; mas ignorar um argumento ou uma objeção pode ajudar a deixar escondida uma teoria que julgemos verdadeira.

Desnecessário dizer que a tradição iniciada por Frege, Russel e Wittgenstein domina a cena filosófica. Deste modo, não devemos ver Anscombe, Geach e Kenny como inimigos da ortodoxia tomista, mas como uma ponte entre a profunda doutrina de Tomás e a rica discussão contemporânea.

²² Cf. KENNY, *op. cit.*, 2002, p. 201-202.